

O FIO DO CABELO (E DA MEADA)

Icleia Maria Borsa Cattani

Imagens do Cotidiano

No trabalho de Elida Tessler sempre tiveram primazia as imagens do cotidiano, as imagens dos afetos do cotidiano: retratos de pessoas próximas, "a cozinha de Teresa"... Ao mesmo tempo, a capacidade de reflexão, de altos vãos teóricos. Uma coisa como complemento da outra. A arte como a afirmação das raízes, da terra, do chão. No início, havia a necessidade de fotografar o motivo do desenho a posteriori: não para copiá-lo, mas para comprovar a si mesma a fidelidade ao modelo. Necessidade de apego ao real, simultânea às leituras filosóficas e à poesia...

O cotidiano: Elida sempre manteve uma atitude de deslumbramento, de descoberta do mundo. É o que lhe permite ver as imagens do cotidiano com novos olhos, descobrir nos objetos mais anódinos a força da forma, da textura, da combinação de elementos. Relacionamento topográfico, tátil, com o espaço e com os objetos.

Um fogão, um rádio, um guarda-chuva, uma pia, uma escova de cabelos...

As imagens começaram com um contexto mais narrativo, uma "cena" ou um "cenário". Depois foram se despojando, os objetos passando a valer por si próprios. Objetos-retratos, como os retratos de pessoas. Sapatos que contam uma história, semelhantes aos que pintou Van Gogh. Forma e afeto.

O cotidiano é o espaço dos afetos.

Gesto e (não) Cor

Com o tempo, aumento da importância da gestualidade, do descompromisso com o modelo no sentido de uma "fidelidade" ao real. Objetos ou retratos, pouco importa: a figura humana comparece ao mesmo título que qualquer objeto. Um motivo a mais; em tudo semelhante aos demais. O que importa, cada vez mais, é o gesto e a cor.

O papel da cor: cada vez mais intensa e tendendo à monocromia: um espaço invadido pelo verde, ou pelo vermelho. Um espaço verde, um espaço vermelho.

A saturação (formal e psicológica) da cor e pela cor, levou a um questionamento: "de repente, me perguntei como ficaria aquela mesma imagem sem a cor, se sobria algo, se ela se sustentaria... E resolvi experimentar o gesto só em preto e branco." *Da saturação da cor, à não-cor.

Escovas

"Examinando minha escova de cabelos, fiquei fascinada pelo movimento das cerdas..." * O impulso ainda é o mesmo: a procura do objeto próximo, cotidiano, anô-

nimo. Mas o olhar mudou, progressivamente: o que interessa agora é o movimento das linhas e das massas. O foco deslocou-se de um referencial predominantemente afetivo, para outro, basicamente formal. É a fase de transição à não-cor.

Escovas, escovas e escovas. O objeto olhado, estudado, manuseado. O gesto que vai se soltando progressivamente. A forma que vai acompanhando a crescente liberdade. Necessidade de "entrar dentro da escova, semelhante a um fio de cabelo..." *

Pronto, o grande passo foi dado: do estudo do objeto ao mergulho em seu interior; da documentação de sua forma externa ao registro de suas potencialidades propriamente formais.

A escova descabelada, desmontada, destruída — e o desenho, pelo contrário, cada vez mais livre e forte.

O prazer de confeccionar o material, o prazer de mergulhar no objeto, implodi-lo; o prazer do fazer, do gesto, da sensualidade dos materiais (pastel preto, grafite e, em alguns trabalhos, purpurina prata)...

Portas

"Procuo imaginar o quadro como uma porta, pensando: se eu abrir esta porta, o que haverá do outro lado?" *

Porta: nesta conotação, o oposto da "janela" renascentista. A janela aberta era a demonstração do mundo visível, a porta que se abre é a descoberta/criação de mundos. Abrir a janela é olhar de dentro para fora; abrir a porta é sair para fora, descobrir, lançar-se no mundo. Ou sair para dentro? Em que mundos nos lançamos com a arte?

A escova transformada em selva, em mundo — tal como a perceberia, hipoteticamente, o fio de cabelo... Da valorização inicial dos objetos pela pintura, ao objeto como pretexto para a pintura.

Frestas

Nos últimos trabalhos, estreitos, horizontais ou verticais, a idéia de fresta. Na fresta/tela horizontal, mudança do gesto, que passa a lembrar a escrita. Ideogramas. "Aqui, lá, onde se encontram esses traços mais escuros, imagino escritos soltos..." * A magia da palavra, da escrita a ser decifrada. Decifrar: descobrir outro mundo, com sua história, com sua estória. Decifrar assemelha-se a espiar.

Espiar. Espiar pela fresta da porta. A escova já ficou para trás; restou a selva/escrita/mundo e o jogo de sentir medo de sair para fora... Artista e espectadores como voyeurs dos signos, palavras, imagens. A arte, sempre envolve o olhar, alguma forma de olhar — aqui, esta função é apenas mais explícita.

* Entrevista de Elida Tessler à autora, maio/1988